



É uma grande alegria poder comunicar-me com meus amigos da América Latina através da Revista Flamecipp. Fui solicitado a relatar a história do pé no Uruguai e nossa experiência na subespecialidade.

O Comitê Uruguaio para o Estudo do Pé (CUEP) foi criado a pedido da Sociedade América Latina de Ortopedia e Traumatologia (SLAOT) que havia solicitado às Sociedades dos países que a integravam que formassem capítulos das diferentes subespecialidades.

O CUEP foi fundado pela Dra. Selva Ruiz e o professor Liber Mauro no ano de 1974.

Eles começam a estudar e trabalhar com pés em um momento em que tanto a mão quanto o pé tinham passado a ser tratados por cirurgiões plásticos.

Eles resgataram o pé para nossa especialidade, estudaram, visitaram outros centros, foram a congressos e foram desenvolvendo a subespecialidade apoiados também pelo Professor Guglielmo, quem desde que começávamos a pós-graduação de ortopedia e traumatologia nos incentivava a formar comitês ou pertencer aos que já existiam porque ele dizia que do contrário "todos nós nadaríamos na superfície e ninguém iria à profundidade".

Fomos incorporando-nos progressivamente ao grupo, éramos todos sócios de CIP e recebíamos sua revista.

Nossos professores tinham um profundo conhecimento da anatomia, o que os levava a respeitar uma estrutura tão perfeita, arquetonicamente falando, e ao mesmo tempo tão complexa como a do pé, sabendo que qualquer técnica ou manobra inadequada poderia deixar uma seqüela definitiva.

Eles tiveram a enorme virtude de estudar a fisiopatologia do pé e ir buscando técnicas que agissem sobre ela fazendo uma semiologia muito cuidadosa porque em toda a especialidade e principalmente no pé, ela pode aportar tanto ou mais que a imagenologia.

Fomos ensinados a observar o que fazíamos com uma mentalidade crítica (que é a melhor forma de educar) e a não adotar técnicas novas até termos certeza de que agiam fisiopatologicamente.

Operava-se uma série com dita técnica e depois era avaliada criticamente para decidir se a continuaríamos fazendo ou se a abandonaríamos. Sempre pensando se incluía a fisiopatologia do pé. Foi assim que jocosamente nossos colegas diziam que vivíamos

trocando de técnica, que quando eles aprendiam uma, nós já a mudávamos, mas isso nos levou a marcar pautas de tratamento do pé de uma maneira em que no Uruguai todos nós tínhamos as mesmas condutas, tanto de estudo quanto terapêutica.

Estamos eternamente agradecidos a nossos professores porque nos obrigaram a pensar.

Queria acrescentar algumas reflexões "filosóficas" na abordagem terapêutica do pé e principalmente do antepé.

Creio que existem duas maneiras de abordar o tratamento de ditas afecções.

Uma corrente que dá muita importância à morfologia e à estética tanto de seus arcos quanto de seus dedos e seus apoios.

Para este grupo é mais importante a forma que a função, são muito estritos nas correções e inclusive não duvidam em fixar articulações saudáveis para obter uma boa morfologia. Não podemos deixar de pensar que esse sacrifício articular pode ter repercussão na função do pé e das articulações adjacentes. A outra corrente dá prioridade à função sem importar tanto que a forma seja perfeita.

Sustentados pelos conhecimentos fisiopatológicos e respeitando-os, consideram que o pé possui múltiplas articulações coordenadas entre si e que embora a forma não seja perfeita, a manutenção do bom balanço muscular e a mobilidade das articulações adjacentes vão compensar o que o cirurgião fixar e/ou alterar e não vai ter maior repercussão na dinâmica do pé.

Qual destas duas correntes está com a razão? Não sei, mas certamente existe a verdade, o problema é possuir a suficiente flexibilidade para chegar a ela.

Comentei esses pensamentos com o Dr. Mark Myerson e creio que ele tem um pensamento muito crítico, além de operar e avaliar resultados, pesquisar na fisiopatologia e possuir a flexibilidade e a autocritica necessárias para chegar à verdade. Finalmente quero agradecer e parabenizar os Dres. Alberto Macklin e Marcela Peratta por sua capacidade e vontade de publicar a edição desta revista que é um elemento de difusão muito importante para nossa especialidade.

Um grande abraço
Dra. Nuri Schinca